

A “CAPITAL MISSIONEIRA”: ENTRE DISCURSOS, HISTÓRIA E MEMÓRIA

HILARY DE LIMA MACIEL ^{1,2}, CAROLINE MALLMANN SCHNEIDERS,³

1 Introdução

Neste subprojeto, buscamos analisar como determinadas designações produzem sentidos, e isto diz respeito à historicidade constitutiva do processo discursivo, a qual, para nós, relaciona-se à noção de interdiscurso, apontando para a relação que o dizer/discurso possui com a ordem do repetível, do já dito para que a materialidade discursiva produza efeitos de sentido. Nesse sentido, temos como interesse compreender, a partir das materialidades discursivas constitutivas do espaço urbano da praça Pinheiro Machado, situada na cidade de Santo Ângelo/RS, designada como a “Capital missioneira”, os efeitos da história e da memória que circulam nesse espaço e constituem um determinado imaginário urbano.

A pertinência de abordar essa temática está, entre muitos motivos, na necessidade de gerar reflexão e tornar mais evidente as questões históricas, muitas vezes não pensadas, que permeiam os espaços urbanos e que estão, portanto, intrinsecamente presentes em nossas vidas e em nosso dia a dia sem que nos demos conta. É comum que cotidianamente passemos por espaços, deparemo-nos com monumentos, textos, imagens e demais manifestações artísticas e simbólicas, que se fazem presentes em ambientes habituais e urbanos justamente a fim de tornar vívidas, em nossa mente, mesmo que inconscientemente, as memórias e as histórias que buscam rememorar. Como os espaços urbanos são comumente frequentados, eles fazem com que não nos esqueçamos de seus monumentos e demais objetos constituintes, assim, também não esqueçamos das histórias que esses mesmos objetos nos contam.

A Praça Pinheiro Machado, espaço no qual nos deteremos, é um ambiente que está repleto de materialidades que visam à constante rememoração da história do povo jesuíta que ali viveu. Faz-se importante pensar a respeito dessas questões, isto é, nas materialidades discursivas e nas designações que compõem determinados locais urbanos, bem como nos discursos e memórias que elas evocam, visto que se tratam de ambientes nos quais há constante circulação, o que faz com que seus elementos não sejam constituintes apenas do

1 Hilary de Lima Maciel, graduanda do Curso Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus Cerro Largo*, contato: hilary-maciel@hotmail.com

2 Grupo de pesquisa: Língua(gem), discurso e subjetividade (UFFS).

3 Orientador: Doutora em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos, pela Universidade de Santa Maria (UFSM). Professora adjunta de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Licenciatura Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS – *Campus Cerro Largo/RS*). Contato: caroline.schneiders@uffs.edu.br



espaço em que se encontram, mas que também contribuam na construção da identidade local e na constituição sócio-histórica de cada sujeito-que nele circula.

2 Objetivos

Buscamos realizar um estudo acerca do modo como as designações determinam a região das Missões do Rio Grande do Sul (RS), partindo da análise dos discursos postos em circulação na praça Pinheiro Machado, refletindo sobre como as designações e discursos contribuem para a constituição do imaginário urbano desse espaço. Visamos, dessa maneira, compreender os efeitos de história e da memória por meio das materialidades componentes da praça, compreendidas como discursos que produzem efeitos de sentido, analisando o modo como essas materialidades estão determinadas histórico e ideologicamente e quais são os efeitos de sentido que essas designações buscam preservar, comemorar e rememorar.

3 Metodologia

Para desenvolver nossa pesquisa, delimitamos, como objeto de análise, em especial, a Catedral Angelopolitana, monumento central da praça, relacionando-a com os demais discursos que circulam na praça Pinheiro Machado (Santo Ângelo/ RS). O processo de constituição do arquivo de pesquisa foi composto por imagens do local e pelo estudo de informações históricas a respeito dele, tratando-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, embasada nos estudos da Análise de Discurso de linha pecheuxtiano.

4 Resultados e Discussão

Em nossa reflexão, observamos que a praça contribui de forma significativa para com a constituição do imaginário urbano e designações que circulam na região. Ela opera como o principal mecanismo de rememoração de eventos históricos e culturais, que, por sua vez, são responsáveis pela sua designação de “Capital Missioneira”. Consideramos a designação, conforme conceitua Guimarães (2003, p. 54), como o nome acompanhado da significação, da carga semântica e histórica que carrega, e, ainda, da relação dessa nomeação com outros nomes, com o mundo, com a história. Junto a essa designação, Santo-Ângelo deixa de ser um município entre os outros que também fazem parte da região missioneira, para ser Santo-Ângelo: “A capital Missioneira”, de maneira a manter presentes as memórias desse respectivo



evento histórico, fazendo com que o envolvimento existente com a cultura missioneira seja lembrado, uma vez que se considera que ela faz parte de sua identidade.

A designação de “Capital das Missões”, segundo o site “Rota das Missões” (responsável pela disponibilização de informações sobre a região turística localizada no Noroeste do RS), deve-se ao fato de que se trata do maior município da região das missões, o nome da cidade possui como inspiração o nome da Missão Jesuítica de Santo Ângelo Custódio, que foi consagrada ao Anjo Custódio das Missões, conhecido como o protetor dos povos missionários. Isso explica a quantidade significativa de monumentos de anjos que rodeiam a principal praça da cidade, desde o pórtico, a Catedral que possui sete imagens esculpidas em pedra dos santos padroeiros dos Sete Povos, até os espaços das praças onde as crianças brincam.

A redução jesuítica que inspirou o nome do município foi destruída durante a guerra guaraníca em 1756, permaneceu abandonada durante cerca de cem anos; em 1830, o local voltou a ser alvo de construção e povoamento. A Catedral, principal ponto turístico e destaque da praça, foi construída em 1929, exatamente no mesmo local da redução de Santo Ângelo Custódio. Compreendemos, portanto, que a praça Pinheiro Machado possui grande responsabilidade para a constituição do imaginário urbano em torno da designação de “Capital Missionária” atribuída ao município de Santo-Ângelo, sendo a própria praça o mesmo espaço onde antes existia uma redução, no espaço onde ela está situada hoje em dia sucederam-se os acontecimentos históricos envolvendo a história de um dos Sete Povos das Missões. A praça opera como o principal mecanismo de lembrança e como elemento constituinte sem o qual não seria possível que a cidade tivesse a mesma designação e imaginário urbano.

As materialidades discursivas presentes na praça Pinheiro Machado estão inscritas em uma extensa e antiga rede de formulações que se mantém presente na memória discursiva e social vigente no município, memória social essa repleta de enunciados sobre a redução jesuítica que ali esteve e cujas lembranças são lembradas por meio das materialidades em questão. Ainda quanto às memórias que o espaço visa preservar, é importante destacar que nem todo o material de eventos históricos existentes permanecem para exibição em espaços públicos, para montar um arquivo, movimentam-se memórias específicas (e, portanto, silenciam-se outras) para moldar a história. As materialidades que permanecem expostas são aquelas que, em alguma escala, carregam em si memórias e que produzem sentidos

pertinentes para as instituições oficiais ou grupos que estão envolvidos nesse processo de construção ou rememoração cultural, isto é, memórias que os mesmos considerem importantes rememorar. Quando tratamos de rememoração, também estamos inerentemente lidando com o silenciamento de tudo aquilo que não fora eleito para ser rememorado, tendo sempre a interferência da ideologia.

Quanto ao silenciamento, uma vez que o sentido sempre será produzido a partir de um lugar, de uma determinada posição sujeito, como já dito anteriormente, ao dizê-los, necessariamente se estará recortando outras possibilidades de sentidos que não foram produzidas em seu lugar, uma vez que o silenciamento (a política do silêncio) se caracteriza justamente pelo apagamento de outros sentidos, sentidos viáveis, porém, indesejados nas determinadas condições discursivas (ORLANDI, 2007, p. 73). É nesse contexto que a autora (2007, p. 53) também traz a possibilidade de uma dimensão política agindo nesse recorte do dizer, segundo a qual: “Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer “uma” coisa, para não deixar dizer “outras””.

É nesse sentido e contexto de silenciamento que identificamos a praça Pinheiro Machado, quando notamos que ela constitui-se majoritariamente de elementos do catolicismo para trazer as memórias da missão jesuítica que ali vivera, que, embora fosse também habitada por padres que tinham por intenção converter os indígenas que ali viviam em católicos, também trata-se de um espaço habitado por povos indígenas cujas crenças divergiam das dos padres. Levando em conta que o espaço visa trazer, entre outras, a memória dos povos que ali se estabeleceram, é possível perceber uma clara valorização das crenças dos jesuítas enquanto que as dos indígenas possuem visibilidade quase que somente nos espaços de comércio. Também é perceptível a presença de elementos católicos sendo usados para rememorar a identidade e memória indígena em detrimento de outras materialidades que representariam com mais realidade os hábitos e crenças verdadeiras do povo em questão.

A memória social está carregada de discursos que dizem respeito aos eventos históricos que se sucederam no espaço em que hoje a praça Pinheiro Machado está situada, logo, sobre a redução jesuítica que vivera ali. Observa-se que as materialidades constitutivas da praça, vinculam-se a formações discursivas que abrigam enunciados defensores da rememoração da história que toca a cultura e a perspectiva dos jesuítas, portanto, do colonizador, deixando a cultura indígena a margem, em segundo plano. Isso leva a captar a

existência de um apagamento operando na memória da cultura indígena que é trazida por debaixo da cultura católica. Sendo assim, percebe-se que no espaço está presente a perspectiva da exaltação dos colonizadores camuflados dentro da exposição, para comércio, dos artigos indígenas.

5 Conclusão

Dessa forma, a praça Pinheiro Machado constitui-se por um conjunto de objetos simbólicos inscritos em uma extensa rede de formulações que opera na memória discursiva e social vigente do município. Essa memória está composta de discursos que remetem à redução jesuítica que existiu no espaço, os quais contribuem para a constituição sócio histórica do local, para a preservação e rememoração de determinadas memórias, bem como para o silenciamento de outras. Nesse sentido, percebe-se que a constituição do imaginário urbano da praça é composta majoritariamente de materialidades discursivas que fazem a celebração e rememoração de elementos referentes de catolicidade, em detrimento da cultura indígena.

Referências Bibliográficas

- ORLANDI, Eni. Os sentidos de uma estátua: espaço, individuação, acontecimento e memória. **Entremeios**: revista de estudos do discurso. v.1, n.1, jul/2010. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/>>. acesso em: 09 jul. 2022.
- _____. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes Ed., 2020.
- _____. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Ed., 2012.
- _____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. SP: Ed. da Unicamp, 2007.
- GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, Santa Maria, n.26, p. 53-62, 2003.

Palavras-chave: Análise de discurso; ideologia; Praça; imaginário urbano; memória.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2021-0446

Financiamento: FAPERGS